

## A IMPRENSA DOS SUBÚRBIOS (1900-1920)

## THE SUBURBAN PRESS (1900-1920)

Edição v.35  
número 3 / 2016-17

Contracampo e-ISSN 2238-2577  
Niterói (RJ), v. 35, n. 3  
dez/2016-mar/2017

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

### LETICIA CANTARELA MATHEUS

Professora de Comunicação Social da UERJ, membro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na mesma universidade. Doutora em Comunicação pela UFF. Atualmente é coordenadora do GP de História do Jornalismo da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Brasil.

leticia\_matheus@yahoo.com.br.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MATHEUS, Leticia Cantarela. A imprensa dos subúrbios (1900-1920). Contracampo, Niterói, v. 35, n. 03, dez. 2016/ mar. 2017.

Enviado em 11 de setembro de 2015 / Aceito em: 29 de março de 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20505/contracampo.v35i3.870>

## Resumo

O artigo apresenta uma pesquisa em andamento sobre como o jornalismo contribuiu para a elaboração de um conceito carioca de subúrbio e como essas regiões foram narradas entre os anos 1900 e 1920 tanto na chamada imprensa suburbana quanto nas colunas dos periódicos de grande circulação que eram dedicadas a notícias sobre aquele espaço social específico. Uma hipótese é que houve disputas em torno das idealizações sobre esses bairros e que algumas delas acabaram por legitimar um processo de permanente produção da diferença, não apenas simbólica, mas efetivamente de investimentos públicos. A pesquisa pretende compreender como os jornais servem como ferramenta para elaboração de uma imaginação histórica sobre a cidade, reforçando ou contestando mecanismos de diferenciação e hierarquização dos espaços.

### Palavras-chave

História do jornalismo; Narrativa; Cidade

## Abstract

This paper presents a research on how journalism has contributed to the development of a concept of suburb in Rio and how these regions were reported between 1900 and 1920 by both so-called suburban press and the columns of leading newspapers that were devoted to news on that particular social space. One hypothesis is that there were disputes over idealizations about these neighborhoods and some of them eventually legitimize a process of continuous production of difference, not only symbolic, but effectively on public investments. The research aims to understand how the newspapers serve as a tool for developing a historical imagination of the city, reinforcing or challenging mechanisms of differentiation and hierarchy of spaces.

### Keywords

History of journalism; Narrative; City

O significado e a ocupação dos espaços encontram experiências singulares no passado que ajudam a compreender o momento presente não somente por suas diferenças, mas também pelos sentidos que permanecem. Num momento em que a capital do estado do Rio de Janeiro experimenta grandes reformulações, com desapropriações de casas populares, impactantes reformas viárias, como a demolição do Viaduto Perimetral, ou o projeto de revitalização da zona portuária chamado "Porto Maravilha", entre outras, todas a pretexto dos megaeventos esportivos, é inevitável a comparação com a gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906), que promoveu grandes reformas urbanas na área central da cidade. Mas, enquanto esse processo se dava, a urbanização de outro espaço não costuma ser lembrada com a mesma frequência, inclusive em estudos históricos de natureza comunicacional: os subúrbios cariocas, nome que se dá a uma parcela das zonas Norte e Oeste da cidade, caracterizada sobretudo por sua relação com a linha do trem.

A chamada "Zona Sul", como sinônimo de área rica, ainda se encontrava em fase inicial de desenvolvimento, e a expansão habitacional se dava principalmente para outro lado: ela acompanhava as linhas do trem pelo ramal da Leopoldina (costeira) e pelo ramal da Central do Brasil (continental). Cada qual com suas particularidades, essas regiões abandonavam gradativamente sua configuração rural para assumirem, não sem dificuldades e contradições, uma feição urbanizada, ainda que os recursos infraestruturais fossem distribuídos pela cidade de modo desigual. Aos subúrbios restavam poucos investimentos, apesar da sua disparada demográfica. Para se ter uma ideia, os bairros vinculados à Leopoldina cresceram populacionalmente 293% somente entre 1890 e 1906. (SILVEIRA, s/d, p. 6). Se, inicialmente, ainda no século XIX, os assentamentos nessas freguesias traduziam a lógica da prevalência de moradores com determinadas profissões, com vilas operárias, aos poucos essa população foi se tornando mais heterogênea. Naquele momento, na virada do século, acontece um *boom* de "jornais de bairro", uma profusão de semanários e de revistas literárias destinadas

aos ilustrados moradores dos subúrbios.

Este artigo discute, portanto, essa imprensa que estamos chamando de suburbana, dentro de um contexto de expansão da palavra impressa e de alargamento da experiência jornalística no cenário do Rio de Janeiro (Barbosa, 2007 e Mendonça, 2014, p. 41), bem como de integração e de reordenamento da cidade sob parâmetros considerados modernos. Aquele modelo de modernidade encontrava nas reformas das áreas centrais sua referência – segundo o que ficou traçado *a posteriori* –, mas, nos estudos sobre o período, costuma-se deixar invisíveis processos paralelos de modernização, tais como no subúrbio carioca. O objetivo é, portanto, acrescentar à imaginação histórica a perspectiva dos suburbanos sobre o processo de modernização do Rio de Janeiro, e estudar de que modo eles operaram no espaço público por ações de comunicação, tendo aqui, como objeto privilegiado, esses jornais “de bairro”. Como os moradores enxergavam seu lugar de trabalho e de moradia? Como tentavam interferir nos processos de significação daquele ambiente, em diálogo com autoridades e com moradores de outras regiões, através da publicação de seus próprios periódicos? Faziam eles um jornalismo singular?

## Demarcação territorial

Não temos interesse na dimensão profissional do jornalismo mas no seu caráter cultural, como experiência narrativa, dentro de um sistema de comunicação. Essa tem sido a identidade de nosso trabalho desde 2004. É evidente que ele contribui para a compreensão do jornalismo, mas suas práticas são tratadas aqui como parte de processos de comunicação que as atravessam e que são atravessadas por elas. Entendida como mediadora da experiência urbana, graças à sua condição narrativa, essa imprensa suburbana também assume o caráter de vestígio do passado, como um conector possível com os homens e mulheres daquele tempo.

Entendemos que a definição do que fosse o subúrbio carioca não

se deu exclusivamente pela mediação desses jornais, cuja influência provavelmente foi muito restrita. Eles apontam muito mais para um desejo de comunicação e para a formação de uma imaginação histórica sobre o subúrbio. Para os cariocas, “subúrbio” possuiu um significado muito particular que se confunde tecnicamente com aquilo que se entende em outras capitais brasileiras por periferia.<sup>1</sup> Trata-se de um conceito híbrido que incorpora certa ideia de exclusão, porém não necessariamente por uma questão de classe, associada, paradoxalmente, a um *ethos* aristocrático. Enquanto “subúrbio” carrega normalmente uma noção de espaço privilegiado, de distinção social pelo seu afastamento dos problemas do centro, como por exemplo, nas áreas ricas com casas de luxo nos Estados Unidos, no Rio, essa distância da área central conota sentido inverso, uma espécie de pertencimento descentralizado à cidade, o que não significa que os agentes dessa imprensa que estudamos possam ser caracterizados como socialmente excluídos ou vulneráveis.

Oriundos das classes médias, muitos desses agentes impressores eram imigrantes portugueses e de outras nacionalidades, habituados à cultura letrada impressa. Alguns deles já trabalhavam na grande imprensa carioca. Além de conteúdo político, era comum que os periódicos por eles publicados trouxessem denúncias e exigência por “melhoramentos” por parte da Prefeitura e da Intendência Municipal. Naquele momento, havia a nítida percepção da desigualdade dos investimentos públicos na cidade. (cf. Moreira, 2013)

Segundo Mendonça (2014), ao tomarem a iniciativa de publicar um jornal, moradores mais abastados dos subúrbios visavam se notabilizar como representantes dessas regiões, com o intuito de melhorar a infraestrutura local, mas também para tentar se integrar, ainda que marginalmente, à vida pública da capital. Outra hipótese é que a proliferação desses jornais também possa ter sido uma tentativa

<sup>1</sup> No senso comum, “periferia” para um carioca soa mais pejorativo que “subúrbio”. Ambos carregam uma conotação de certa dose de exclusão, mas é como se “subúrbio” fosse um tipo de periferia marcada por uma identidade carioca. Sobre a distinção entre subúrbio e periferia, cf. Soto, 2008.

de autonomia dos “suburbanos” tanto em relação às representações hegemônicas dos grandes jornais quanto à tendência à relativa invisibilidade daqueles territórios para a administração pública, já que, como dissemos, alguns deles já trabalhavam na grande imprensa local, sendo responsáveis pelas colunas dedicadas às causas dos subúrbios.

Mas, apesar de terem se caracterizado por experiências muito pontuais, é preciso admitir que 1) o sistema midiático da época era mais restrito e não temos condições, pelo menos por enquanto, de imaginar o impacto social desse conjunto de jornais tomando como parâmetro a complexidade do mundo contemporâneo; 2) esses jornais podem sim trazer implicações teóricas para entender a relação entre mídia e cidade.

A definição em torno dos subúrbios cariocas é marcada pela presença da Estrada de Ferro Central do Brasil (antiga Dom Pedro II), inaugurada em 1858, mas esse território cultural varia historicamente e não coincide geograficamente de modo exato com os bairros e os municípios que margeiam os ramais da linha férrea. Sequer os bairros possuíram o mesmo desenho sempre, sendo permanentemente territórios negociados. Em um brilhante estudo sobre a imprensa do interior paulista, Losnak (2011) descreve a contribuição do jornalismo na definição de região, no Oeste paulista, durante a primeira metade do século XX. A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil ligava São Paulo ao Mato Grosso do Sul e, no trecho paulista, passava por pelo menos 11 municípios, chegando até a fronteira com a Bolívia e com ramal também para o Paraguai. O trem funcionava como a principal mídia, mas carregava dentro dele outra mídia, num sentido tão concreto que se torna impossível ignorar o princípio mcluhaniano de uma mídia dentro de outra mídia, “gritando” neste caso em sentido literal. O *Diário do Noroeste* não apenas era distribuído pelos 11 municípios pelo trem como circulava dentro dele. Com sede em Bauru, o periódico cobria toda a região, e ainda tornava a própria ferrovia personagem, com reportagens sobre assaltos nas linhas, e sobre o cotidiano nas estações e nas viagens. Ao potencializar a interação entre essas diferentes

idades, numa extensão de 1.250 quilômetros, o *Diário do Noroeste* ajudava a desenhar uma territorialidade cultural do Oeste paulista. No caso do Rio de Janeiro, não temos evidência de que esses jornais suburbanos circulassem pelo trem. Observando, como propõe Losnak, os títulos dos periódicos, percebe-se que a designação espacial que eles propunham se sobrepõe apenas parcialmente ao recorte ferroviário. O mesmo se pode afirmar ao observarmos seus cabeçalhos, com a indicação da área de circulação, alguns por mais de um bairro, mas não absolutamente coincidentes com os ramais do trem. Por exemplo, havia o jornal *O Suburbano*, da Ilha do Governador, que não possui linha férrea nem é considerada um bairro do subúrbio.

Essa espécie de designação autorizada sobre o espaço estava em disputa não apenas entre esses semanários dos bairros. Diários de grande circulação mantinham colunas com cobertura exclusiva chamadas, por exemplo, "Subúrbios" (*Jornal do Brasil*), "Pelos Subúrbios" (*Correio da Manhã*), que mais tarde se tornou "Correio Suburbano" e depois "Subúrbios e Arrabaldes" (Barbosa, 2007, p. 42). Havia ainda a coluna "Queixas do Povo", que também costumava trazer denúncias sobre os problemas enfrentados pelos moradores dos subúrbios. Esses dois importantes títulos não eram exceção: toda a grande imprensa<sup>2</sup> da época dedicava espaço àquela nova região que ampliava as fronteiras urbanas da cidade do Rio de Janeiro.

Os primeiros assentamentos naquela região obedeciam a uma forma linear, ao acompanharem as linhas do bonde, primeiro, e depois do trem. Os subúrbios teriam experimentado uma espécie singular de modernidade, diferente daquela propalada pelos grandes jornais acerca da região central reformada, experimentando uma *Belle Époque* a seu modo. Exatamente as linhas de trem aparecem em profusão como protagonistas nas fotografias realizadas por Augusto

<sup>2</sup> O termo "grande imprensa" pode parecer anacrônico, mas estamos assumindo que, de fato, esses jornais representavam, junto com outros, a grande imprensa da época, adotando a conceituação de Barbosa (2007), uma vez que, como descreve a autora, os principais jornais da época, no Rio de Janeiro, já possuíam configuração empresarial e que a soma total das tiragens diárias, bem como o número de títulos disponíveis, permite afirmar que se tratavam de grande imprensa. Deixaremos a análise dessa parte do nosso *corpus* empírico para outra oportunidade.

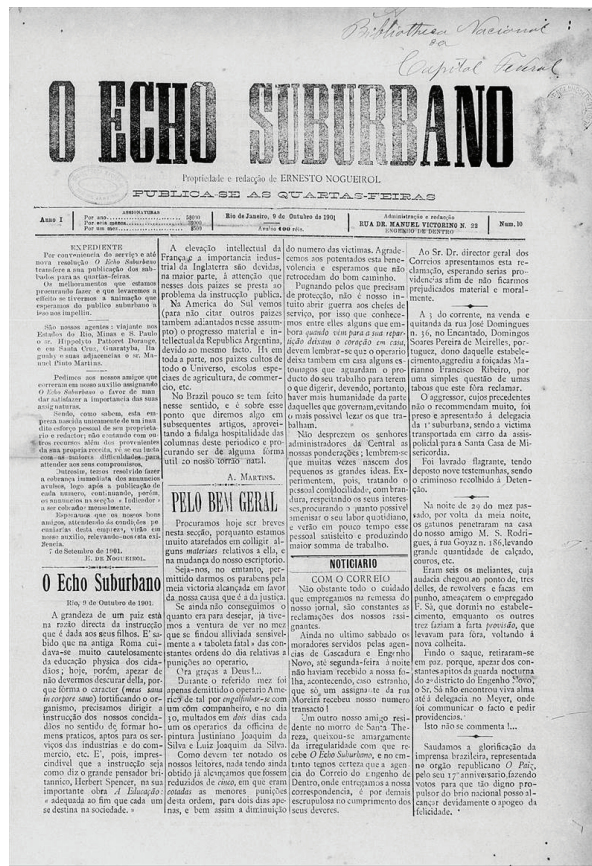
Malta, fotógrafo oficial da Prefeitura na virada do século. Responsável pela produção oficial de imagens do período, especialmente das intervenções da administração pública, Malta se dedicava a registrar as reformas no Centro e na crescente Zona Sul. Quando documentava os chamados “melhoramentos” pelos quais passam os subúrbios, quase invariavelmente aparecia a linha férrea.<sup>3</sup>

O que impressiona de antemão é a quantidade de títulos na época reivindicando essa categorização “suburbana” no título. Mas havia também outros que ostentavam orgulhosamente o nome de cada bairro, além dos casos em que não se pode inferir seu local de publicação e de circulação. Para essa pesquisa em andamento, fazem parte do *corpus* empírico nove periódicos que circularam entre 1900 e 1920: *Tribuna Suburbana* e *Jornal Suburbano* (Madureira), *Echo Suburbano* (Engenho de Dentro), *O Suburbano* (Ilha do Governador, Méier, Madureira, Inhaúma), *Progresso Suburbano* (Piedade) e *Revista Suburbana* (Méier). Essa imprensa suburbana precisava lidar não apenas com as representações hegemônicas acerca dos subúrbios cariocas, mas também enfrentar o problema de reformular a memória de um passado rural das freguesias.

Figura 1:

<sup>3</sup> O acervo está disponível no Portal Augusto Malta (<http://portalaugustomalta.rio.rj.gov.br/>), ligado ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro ([www.rio.rj.gov.br/arquivo/acervos.html](http://www.rio.rj.gov.br/arquivo/acervos.html)).





O semanário *O Echo Suburbano*, de Engenho de Dentro, primeira página de 09/10/1901

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

## Imaginação histórica

Em outra oportunidade (MATHEUS, 2011), tratamos da contribuição da experiência jornalística, especialmente na sua dimensão noticiosa, para a difusão e sedimentação de uma ideia de história predominantemente linear, factual, direcionada, baseada na lógica do progresso tecnológico. Não estamos negando essa tese, mas, agora, em vez de falar em uma “história midiática”, um tipo de percepção histórica construído especialmente pelo jornalismo, adotamos o conceito “imaginação histórica”. A inspiração nasce do termo correlato “imaginação sociológica”, de Mills (1982 *apud* Barbosa e Ribeiro, 2011, p. 12), pensado como podendo ser substituído por “imaginação histórica”, isto é, como dada possibilidade imaginativa sobre ser no tempo e no espaço. A adoção do substantivo “imaginação”, em vez de simplesmente falar em história, serve para tentar reduzir eventuais

constrangimentos ao associarmos a uma dimensão não científica, que incorpora tanto o senso comum quanto a ficção. A imaginação histórica seria, portanto,

uma percepção que consiga dar conta do complexo jogo que se processa entre os homens e a sociedade, a biografia e a história, o eu e o mundo; uma sensibilidade capaz de relacionar as micro e macroestruturas, de compreender os cenários mais amplos em termos de seus significados para a vida íntima das pessoas. (BARBOSA e RIBEIRO, 2011, p. 18)

O termo “imaginação histórica” aparece em White (2008) e pretendemos seguir sua linha de raciocínio ao aceitar que a consciência histórica é produzida pelos indivíduos também a partir de uma experiência estética. Enquanto White se preocupa fundamentalmente com a forma narrativa de apresentação do texto historiográfico e com certas formatações ideológicas que decorrem desses modos de apreensão da realidade (os *tropos* da linguagem) - ironia, metáfora, comédia, sátira, tragédia, romance e metonímia -, levamos em conta a contribuição da presença do jornalismo no cotidiano do público, como experiência narrativa e, portanto, como forma de estabelecer certa relação com sua própria história. Assim, do ponto de vista de sua contribuição epistemológica, a pesquisa integra a perspectiva de uma poética do jornalismo como modo de contribuição para uma imaginação histórica, assumindo um lugar de interface entre Comunicação e História.

O compromisso com a verdade une os ofícios dos dois profissionais - o historiador e o jornalista -, ainda que ambos se dediquem majoritariamente<sup>4</sup> a temporalidades diferentes - presente e passado - e que façam uso de técnicas de trabalho próprias. Por outro lado, a experiência do tempo segundo a qual prevalece excessivamente o presente, o “presentismo” de Hartog (2014), parece tributária em grande parte da imersão do sujeito contemporâneo na lógica noticiosa e de consumo acelerado de narrativas midiáticas. Digamos que

<sup>4</sup> Em outro estudo (MATHEUS, 2011), concluímos que nem a História se priva do diálogo com o presente, nem o jornalismo deixa de possuir uma dimensão passada nas suas narrativas, mas optamos por não entrar nessa problematização aqui.

vivemos historicamente imersos em certas condições comunicacionais, regidas por certas temporalidades, as quais Hartog (2013) chamava de regimes de historicidade. Essas condições comunicacionais incluem não somente os recursos sociopolíticos, culturais e materiais de enunciação, mas também o poder de fazer circular e amplificar os enunciados, bem como as habilidades cognitivas dos sujeitos envolvidos nesses circuitos. Esse processo irá resultar, em última instância, na produção de sentido sobre a própria realidade. Os meios de comunicação são ferramentas que integram esse processo, de maneiras mais ou menos institucionalizadas, e não se pode ignorar que os homens produzem história no mundo contemporâneo por meio de ações altamente mediadas tecnologicamente, culturalmente e economicamente, isto é, por isso que estamos genericamente chamando de mídia. Mas a história, embora se faça apenas no presente, não é feita apenas de presente. Paradoxalmente, ela depende de atos de comunicação com os mortos. Já os comunicólogos não podem fugir do presente, sob pena de perder o próprio posto de trabalho na disputada fábrica do pensamento social. E nenhum agente de comunicação social depende tão integralmente de seu vínculo com o presente imediato do que o profissional de jornalismo.

Servo da atualidade, o jornalista, entretanto, ajuda na elaboração de uma imaginação histórica que permite ao público compreender seu passado e seu presente e também a projetar futuros. Nesse sentido, o jornalista se aproxima do ofício do historiador, sobretudo do historiador de outras épocas, cuja função social já foi muito diferente daquela do cientista moderno. Existem muitas diferenças – e semelhanças – entre os dois trabalhos, mas já houve um tempo em que o historiador servia à sociedade como uma espécie de repórter do tempo presente. Essa concepção não foi totalmente apartada do trabalho do historiador, como um analista da realidade, embora ele tenha passado por alguns momentos de abandono dessa função, como quando se agarrou a uma perspectiva positivista, viciado na narração dos fatos. Mas, certamente, o desempenho dessa função passa hoje pela mídia, como apontou Nora

(1976), tendo o jornalismo um estatuto comunicacional singular nessa tarefa.

A pesquisa adota duas teorias narrativas para tentar compreender o papel do jornalismo na construção de uma imaginação histórica. A primeira, advinda de Ricoeur (1994), serve mais a uma base metodológica, mas existe um fundamento que a antecede que se encontra na teoria da narração de Walter Benjamin (1994). A partir desse autor, pode-se partir em direção ao entendimento da experiência histórica como experiência narrativa, o que aparece de forma exaustiva em Ricoeur. Neste último, a história surge como historicidade (tempo) e representação do tempo (narrativa). Além disso, devido à sua proximidade com a perspectiva hermenêutica, que governa o ofício do historiador, e que marca a epistemologia das ciências sociais como um todo (ALBERTI, 1996), entende-se aqui que os sentidos, esse fruto do trabalho comunicativo, devem ser buscados nos processos sociais nos quais diferentes atores se integram, seja de modo ativo seja sofrendo as ações comunicativas do outro. Essa perspectiva entra em acordo com a compreensão do passado como uma variação imaginativa do presente, uma vez que é impossível acessar um tempo que não mais existe.

Além disso, acreditamos, como Benjamin (1994), que o conhecimento, qualquer conhecimento, seja sobre o passado ou sobre o presente, só pode ser dialético. Isso significa que ele não se esgota numa suposta totalidade, seja sobre o presente ou sobre o passado, mas deve ser uma experiência de se encontrar, de se reconhecer no passado e ao mesmo tempo de distanciar dele. Portanto, devemos tentar realizar uma experiência de conhecimento sobre a construção da imaginação histórica sobre os subúrbios do Rio de Janeiro num tempo histórico diferente. Porém, as marcas da imaginação histórica estão impregnadas no próprio território caracterizado como subúrbio, nas páginas impressas dos jornais da época e em novos circuitos de comunicação que redimensionam os antigos circuitos.

O conceito de experiência em Benjamin está relacionado, e até se

confunde, ao de história. Para ele, uma história não alienada é aquela que pode ser contada por quem a experimentou, por quem possui de fato conhecimento sobre ela. Assim, pode-se perguntar se existiria alguma contradição entre como os subúrbios apareciam no *Jornal do Brasil* e no *Correio da Manhã*, e nos semanários que circulavam nos suburbanos. Para Benjamin, fazer história e contar história são ações simultâneas e, eu acrescentaria, dar sentido à história e ao próprio processo de contar. Por essa razão, ao pensar a introdução dos meios de comunicação de massa, Benjamin enxergava uma ruptura entre o fazer e o contar a história, este último trabalho transferido então para mídia. Assim, segundo seu entendimento, a história contada pela mídia seria uma história alienada do fazer histórico e da própria comunidade, que justamente por isso teria seus laços comunitários enfraquecidos. Por isso, seu paradigma narrativo é a oralidade.

Seu princípio apocalíptico estava baseado na preocupação com a alienação do homem em função de seu isolamento comunicacional. Como a narrativa não era mais construída em conjunto, a partir de uma experiência comunitária comum, então o indivíduo seria obrigado a confiar na mídia. Como se fosse o fim da história, pela impossibilidade de se construir junto a narrativa. Daí o temor pela desorientação do indivíduo no mundo moderno do capitalismo industrial. A lição moral, o conselho, era, para ele, uma espécie de coautoria na vida. Estariam o morador e os comerciantes dos subúrbios melhor capacitados para narrar sua própria história em lugar da grande imprensa? Seria a representação (ou a narrativa) de uma questão de lugar? Sabemos que a imprensa suburbana não era homogênea (MENDONÇA, 2014) e que alguns desses periódicos não traduzem o que imaginávamos inicialmente: uma imprensa engajada na melhoria da qualidade de vida daqueles lugares. Muitos não tinham esse compromisso editorial, preferindo exibir a ilustração do homem suburbano e afirmar sua integração à modernidade do resto da cidade. Por outro lado, também encontramos uma pluralidade de subúrbios possíveis nas colunas do *Jornal do Brasil* e do *Correio da Manhã*.

Segundo Gagnebin, no prefácio de Benjamin no Brasil, Heródoto fala de uma polarização entre dois modos de contar a história. Como Heródoto coletou narrativas dispersas, sem a preocupação em fechar um sentido, como Tucídides faria, teria servido de modelo para Benjamin pensar algo parecido ao que Eco definiria como obra aberta, especialmente pelo fato de o encadeamento narrativo em direção a um sentido fim se dar pela continuidade do relato, por uma “dinâmica ilimitada de memória” (GAGNEBIN *in* BENJAMIN, 1994, p. 13), mas também pela operação de interpretação. Sob essa perspectiva, Heródoto deveria ser considerado muito mais um cronista do que historiador no sentido do senso comum. Desse modo, ele se assemelharia ao jornalista: um contador do cotidiano.

Ainda segundo Gagnebin, a preocupação de Benjamin era que, quando a experiência coletiva se perdia, isto é, quando a comunicação passava a ser altamente mediada, outras narratividades tomavam forma e ganhavam a cena, entre elas, por exemplo, o romance e o jornalismo. “Os dois têm em comum a necessidade de encontrar uma explicação para o acontecimento, real ou ficcional” (*id. ibid.*, p. 14).

Dentro desse quadro, é possível pensar que tipo de sentido de subúrbio está sendo recuperado e o quanto essas histórias são reelaborações idealizadas. A principal hipótese é que se, muitas vezes, hoje, o subúrbio é contado nos jornais como o lugar da falta, como lugar marginal (às margens das ferrovias), essa representação vem de uma longa construção de desigualdade desde a grande imprensa do início do século XX. Por outro lado, adotamos a hipótese antitética de que encontraremos uma diversidade de modos de representação desses subúrbios na imprensa suburbana.

A construção da metodologia da pesquisa deriva da teoria narrativa de Paul Ricoeur (1994). O primeiro passo é produzir uma análise de conteúdo dos jornais estudados. No caso da imprensa suburbana, como as coleções são pequenas, será possível ler e estudar todos os exemplares que circularam no intervalo entre 1900 e 1920. Sabemos que havia muitas outras publicações pelos subúrbios desde pelo menos

1880 (MENDONÇA, 2014), mas optamos por focar as primeiras duas décadas do século XX pelo fato de o período coincidir com as reformas de Pereira Passos da área central da cidade, circunstância que servirá de baliza e fonte de problematização.

Essas coleções se encontram na Fundação Biblioteca Nacional, parte no Setor de Obras Raras e outra parte digitalizada e disponível na Hemeroteca Digital Brasileira. Algumas não são extensas, uma vez que esses semanários e revistas literárias circularam durante poucos anos, obedecendo talvez ao propósito comum na cultura jornalística ainda remanescente na época de usar a imprensa para fins políticos que, uma vez obtidos, tornavam a atividade impressora obsoleta (BARBOSA, 2007). Também é possível que esses impressores não conseguissem manter financeiramente sua empreitada, já que, de modo geral, contavam apenas com anunciantes de pequeno porte, comerciantes locais. De qualquer modo, eles servem como vestígio (BARBOSA, 2013) de um processo comunicacional no passado. O mesmo será feito por amostragem com as colunas “Subúrbios” e “Queixas do Povo” do *Jornal do Brasil* e “Pelos Subúrbios” do *Correio da Manhã*.

O segundo passo é aplicar esse conteúdo selecionado a um quadro metodológico composto a partir de Aristóteles para pensar: quais as principais unidades de ação dessas histórias, quais suas peripécias (acontecimentos que alteram o sentido narrativo), quais os principais personagens que agem e que sofrem as ações, quais as estruturas temporais utilizadas (linear, circular, fragmentada etc.), como o subúrbio é caracterizado e por quem.

Com esse material bruto em mãos, partiremos então para a primeira confrontação, ainda em termos textuais: a comparação entre as linhas gerais dessas histórias nos semanários suburbanos e nas colunas do *Jornal do Brasil* e do *Correio da Manhã*. Finalmente, partiremos para a confrontação final com a “realidade”, obviamente, entendida como um conjunto de interpretações sobre o passado. Essa última etapa reenvia os resultados da análise textual às narrativas vivas, como propõe Ricoeur (1994). Isto é, tentaremos reconectar a

linguagem ao mundo concreto, às condições históricas de significação daquele espaço social chamado subúrbio. Isso será feito pela comparação com a literatura historiográfica referente ao período, especialmente usando Mendonça (2014) e outros historiadores que se dedicaram ao tema do subúrbio e de historiadores da imprensa, como Barbosa (*passim*). Assim, será possível compreender os limites históricos da ação comunicativa daqueles homens e também sua inteligência para reinventar simbolicamente seu mundo.

É nessa última fase de análise que de fato entra Ricoeur (1994) com sua teoria narrativa, que funciona como metáfora para o processo comunicacional. A narrativa, para ele, é a colocação das ações humanas na duração e, por isso, pressupõe a comunicação como processo. Na sua base está a ideia de tripla presença da *mimese* nas ações humanas: como mundo prefigurado, isto é, como repertório de conhecimento prévio que permite e aciona certos referenciais a partir dos quais se produzirá a narrativa; como configuração no enredo em si; e como ação de interpretação dessas mensagens, isto é, de conexão do texto com o mundo. Portanto, para Ricoeur (*ibid.*), o problema da referência da linguagem não se encontra exclusivamente no mundo pressuposto a ser representado, mas no mundo projetado pela ação instaurada a partir do texto. Para ele, o sentido da narrativa está na sua frente, no futuro, não no passado. Essa perspectiva entende o fechamento do ciclo de sentido, ou do arco hermenêutico, pela ação do leitor. Desse modo, essa visão ampla sobre a narrativa, não como um gênero literário, mas como uma teoria comunicacional, privilegia a ideia do circuito posto no tempo, isto é, a ideia de processo. Assim, as marcas da comunicação do passado se tornam vestígios de processos de produção de sentido que se deram no passado, irrecuperáveis na sua integralidade obviamente, e sem garantias, pois se trata de um conhecimento essencialmente interpretativo, mas que também projeta conhecimento sobre nossas ações de significar o presente.



## Os jornais suburbanos

Moradores dos subúrbios participaram a seu modo do *boom* do periodismo no início do século XX, quando, segundo Damázio (1996), mais de 60% da população lia jornais no Rio de Janeiro, e a grande imprensa possuía tiragem relativa impressionante se comparada ao contexto atual. Segundo Mendonça (2014), a experiência de publicação dessa imprensa suburbana encontra três linhas explicativas gerais. Um primeiro grupo se caracterizaria pela necessidade de exibir refinamento e de tentar se aproximar, através da prática impressa, de um ideal de *Belle Époque* alardeado pela grande imprensa em relação às regiões mais *chics* da cidade. Os jornais desse segmento não costumavam evidenciar seu endereço de publicação nos títulos. Não havia referência explícita ao pertencer aos subúrbios, como num jogo de representação às avessas, como se dissessem “Eu me autorrepresento reivindicando similaridade ao outro”. Por isso, não importava destacar sua área de circulação. Como não reivindicaram uma identidade suburbana, tinham nomes genéricos como *Lux* ou *O Cenário* ou *O Condor*, o que não significa que não destacassem e promovessem os talentos e a inteligência de seus moradores. Eram fundamentalmente impressos literários.

Um segundo grupo de jornais, mais amplamente estudados, refere-se à luta operária, já que os subúrbios cariocas foram importantes pontos de industrialização no estado do Rio, onde ficavam principalmente as fábricas da indústria têxtil. Nesse caso, a preocupação era com os direitos dos trabalhadores e com seu bem-estar, independentemente do local de moradia, mas seus principais militantes eram oriundos dos subúrbios.

Figura 2:



*O Suburbano*, da Ilha do Governador, primeira página de 1;03;1900

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Finalmente, um terceiro conjunto de periódicos, e que constitui o *corpus* desta pesquisa, tinha como proposta reivindicar melhorias infraestruturais semelhantes às que eram dispensadas à região central. Nesse caso, os jornais acentuavam no título seu pertencimento aos bairros do subúrbio e denunciavam a desigualdade de investimentos entre as diferentes regiões da cidade bem e o que consideravam estado de abandono. Esse grupo defendia o que identificava como interesses locais, demandando um tratamento igualitário em relação ao restante da cidade. Apesar de afirmar estabelecer um diálogo com “todo e qualquer leitor, seja do subúrbio ou não” (MENDONÇA, 2014, p. 51), a produção era resguardada para os moradores dos subúrbios. Entre eles estavam inclusive aqueles que já trabalhavam na grande imprensa, como José Roberto Vieira de Mello, redator do *Correio da Noite* (proprietário da *Gazeta Suburbana* e da *Revista Suburbana*),

os irmãos Benjamin e Eduardo Magalhães, que assinavam a coluna “Nos Subúrbios” do jornal *A Época* (proprietários do semanário *O Suburbano*), Pinto Machado, ligado ao movimento operário, que atuou na seção suburbana do jornal *A Tribuna* (foi diretor do *Echo Suburbano* e escrevia para a *Revista Suburbana*) e Ernesto Nogueirol, que trabalhou no *Jornal do Brasil* (era colaborador do *Echo Suburbano*), segundo Mendonça (2014, pp. 56-57). Aparentemente, esses homens entendiam sua inserção na imprensa como uma ação estratégica para a defesa dos seus ideais e tentavam espriar sua presença o máximo possível, fosse na grande imprensa, fosse nos jornais de bairro, o que às vezes podia causar diferentes conflitos de interesse, conforme vamos investigar. De qualquer modo, fica claro que eles não se contentavam com os grandes jornais e acreditavam na necessidade de abrir outras frentes de diálogo, reproduzindo ou não um modelo jornalístico similar ao da grande imprensa da época.

Para tentar criar e manter vínculo com seu público, eles criaram uma rede de colaboradores, que podiam enviar tanto artigos de fundo quanto “notas informativas, entrevistas e reportagens que valorizassem aspectos cotidianos da cidade” (MENDONÇA, 2014, p. 54). Essa rede de repórteres extrapolava os limites do próprio bairro, privilegiando a circunscrição mais ampla pelos subúrbios. Assim, cobriam desde as ações da Prefeitura naquela região até casamentos, aniversários, formaturas e festas em clubes, dando visibilidade à vida da população local. A colaboração para a sobrevivência dos jornais também se dava pela assinatura e pela aquisição de espaço publicitário pelos comerciantes locais. Do ponto de vista editorial, Mendonça aponta para uma divisão: alguns se assumiam políticos e outros tentavam se mostrar como modernos, vinculados à prática da imparcialidade. Entretanto, não percebemos essas fronteiras tão marcadamente, havendo, de modo geral, forte tom de engajamento político nos periódicos. Apesar de a investigação estar em andamento, também tem se revelada cada vez regular a presença da crítica à grande imprensa.

Em carta aberta ao prefeito, *O Suburbano*, da Ilha do Governador,

de 15 de março de 1900, reclamava a construção de mais uma escola pública na Praia das Flecheiras, pois as duas que havia ficavam muito distantes para atender a toda a região – uma na estrada do Galeão, a outra em Itacolomy – e as crianças tinham que caminhar 4 quilômetros até elas. O redator alertava que o *Jornal do Brasil* já havia feito tal requerimento há pouco mais de uma semana. O jornal também criticava o abandono das igrejas católicas, algumas do século XVIII, destruídas. Desse modo, o jornal estava não apenas fazendo uma reivindicação no presente, mas também projetando uma imaginação sobre o passado da Ilha do Governador. Do mesmo modo, nós, no tempo presente, projetamos o passado, num exercício imaginativo, ao ler esses textos. O *Suburbano* recebia cartas no Zumby (Praia do Zumbi), onde ficava a redação. Sua oficina gráfica ficava na Rua Andradas, 16.

*Echo Suburbano*, de Madureira, possuía diagramação mais *clean*, na década seguinte. O veículo, que tinha tanto a redação quanto a gráfica localizadas na Rua Marechal Rangel, 105, critica, em 13 de agosto de 1911, dois jornalistas de *O Paiz* e de *A Tribuna*, que “foram a campo” e relataram em seus artigos de fundo a miséria da cidade. Assinando como “Muzico Allemão”, o redator afirma que

si escriptores consagrados, e aos quaes nunca foram perseguidos pela miséria, se julgam no dever de tractar de assumpto tão importante às classes proletárias, é justo que nós, humildes, entidades do povo, nos julguemos no dever de auxiliar tão benéfica campanha (ECHO SUBURBANO, p. 1, 1911, sic).

Aparentemente vinculado a um sindicato, provavelmente dos gráficos, o Muzico Allemão debocha da hierarquia representacional da grande imprensa. Somente aqueles que vivem na pobreza poderiam falar sobre ela. Na mesma edição, o jornal reclamava da falta de investimento da companhia de luz Light, que expandia sua rede elétrica em outras áreas da cidade mas que esquecida de atender aos subúrbios.

A *Tribuna Suburbana*, também de Madureira, tinha até uma coluna que recebia telegramas internacionais. O *Progresso Suburbano*, “órgão noticioso, recreativo e literário”, como afirmava o *slogan*,

também possuía projeto gráfico arejado, com cabeçalho bem limpo, com o nome do bairro de origem escrito em letras grandes: Piedade. O redator-chefe era Luiz José de Vasconcellos e a redação e a gráfica ficavam na Rua Dona Maria, 15, mas o jornal procurava oferecer notícias relativas a toda a região suburbana, dividindo a área noticiosa por títulos-rótulos: Meier, Madureira, etc. Havia inclusive ilustrações e também notícias internacionais recebidas por telegramas. Na edição de 06 de agosto de 1902, *O Progresso Suburbano* pedia que a Diretoria Geral dos Correios que conectasse as linhas telefônicas entre os bairros do subúrbio e que a agência dos correios de Piedade pudesse receber malas diretas. Percebe-se, nesses pedidos, uma vontade não apenas de integração local como também com o restante da cidade. O jornal ainda recebia notícias telegráficas de diferentes municípios do estado do Rio. Todos esses periódicos procuravam se manter com assinatura e custavam em torno de 100 reis o exemplar avulso.

Figura 3:



Tribuna Suburbana, de Madureira, exemplar de 26;01;1910

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Figura 4:



Primeira página de *O Progresso Suburbano*, da Piedade, de 06;08;1902

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

## Considerações para avançar

Do ponto de vista da hierarquia dos espaços, esse terceiro grupo de jornais – comprometidos com a promoção dos subúrbios – parece mais interessante, pois traz o problema da reivindicação de identidade, da opção estratégica de defesa dos interesses locais por meio da circulação de folhas periódicas, bem como a própria definição em torno do que fossem esses interesses. Esse conjunto de jornais pode ajudar a entender as escolhas estratégicas de comunicação e de ação sobre a própria história por meio de práticas jornalísticas. Num primeiro momento, acreditávamos encontrar nessas iniciativas uma demanda por integrar um processo de modernização em curso na cidade. Assim, a imprensa funcionaria como mais uma ferramenta da modernidade. Mas o contato com as primeiras análises textuais

mostra que o fenômeno foi mais complexo que isso e talvez a própria ideia de modernidade não fosse um parâmetro consensual sobre viver bem. De qualquer modo, independentemente de esses homens terem ou não obtido sucesso nas suas reivindicações, só o fato de tentarem se colocar como representantes dos subúrbios já significava alguma forma tentar exercer poder sobre aquele território.

## Referências

ALBERTI, Verena. A existência na história: revelações e riscos da hermenêutica. **Estudos históricos** - Historiografia, Rio de Janeiro, v.9, n. 17, 1996, p.31-57

BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Comunicação e história: um entre-lugar. *In*: BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. (Orgs.) **Comunicação e história**: partilhas teóricas. Florianópolis (SC): Insular, 2011, p. 9-28

BARBOSA, Marialva Carlos. **História Cultural da Imprensa**. Brasil - 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

\_\_\_\_\_. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia, técnica, arte e política. SP: Editora Brasiliense, vol. I, 1994.

DAMAZIO, Sylvia F. **Retrato Social do Rio de Janeiro na virada do século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

HARTOG, François. **Evidência da História**. O que os historiadores veem. Belo Horizonte (MG): Autentica, 2013.

\_\_\_\_\_. **Regimes de Historicidade**. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte (MG): Autentica, 2014.

LOSNAK, Célio José. Jornais e Ferrovia: uma intervenção social. SP: **Anais Confibercom**, 2011.

\_\_\_\_\_. **Polifonia Urbana**: imagens e representações - Bauru 1950-1980. Bauru; Edusc. 2004.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Comunicação, tempo, história**: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2011.

MENDONÇA, Leandro Climaco. **Nas margens**: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro 1880-1920. Niterói (RJ): EdUFF, 2014.

MOREIRA, Luciana Verônica Silva. Cidade e subúrbios no Rio de Janeiro do início do século XX: ordenamento e progresso para o morador suburbano.

Conhecimento histórico e diálogo social. **XXVII Encontro Nacional de História**. Anpuh Natal, 2013.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas (SP): Papyrus Editora, tomo I., 1994.

SILVEIRA, Marcelo da Rocha. **As casas populares e a formação do subúrbio carioca**. Mimeo, s/d.

SOTO, William Héctor Gómez. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. **Estudos Sociedade e Agricultura**, vol. 16 no. 1, abri, 2008, p. 109-131

WHITE, Hyden. **Meta-história**. A imaginação histórica do século XIX. SP: Edusp, 2008.